

## Cinco versões de imaginário

### Five Versions of Imaginary

Juremir Machado da Silva<sup>1</sup>

DOI: 10.19177/memorare.v7e320208-14

**Resumo:** Este artigo examina cinco possibilidades de definição ou de aproximação do termo imaginário: ambiente; ficção compartilhada socialmente; fantástico do cotidiano; excedente de significado e memória afetiva.

**Palavras-chave:** imaginário, cultura, ciência social.

**Abstract:** This article examines five possibilities for defining or approximating the imaginary term: environment; fiction shared socially; fantastic of everyday life; surplus of meaning and affective memory.

**Keywords:** imaginary, culture, social sciences.

---

<sup>1</sup> Juremir Machado da Silva é doutor em Sociologia pela Sorbonne, Paris V, 1995, escritor, historiador (PUCRS, bacharelado e licenciatura, 1984), jornalista, radialista e tradutor, e pesquisador 1B do CNPq. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS de 2003 a 2014. É autor, entre outros livros, de **A miséria do jornalismo brasileiro** (Petrópolis, Vozes, 2000), **As Tecnologias do imaginário** (Porto Alegre, Sulina, 2003), **O que pesquisar quer dizer** (Porto Alegre: Sulina, 2010), **História regional da infâmia – o destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras, ou como se produzem os imaginários** (Porto Alegre: L&PM, 2010), **Voices da Legalidade: política e imaginário na era do rádio** (Porto Alegre, Sulina, 2011), **Um escritor no fim do mundo: viagem com Michel Houellebecq à Patagônia** (Rio de Janeiro: Record, 2011) e dos romances **Getúlio** (Rio de Janeiro, Record, 2004), **Solo** (Rio de Janeiro: Record, 2008) e **1930: águas da revolução** (Rio de Janeiro: Record, 2010); **A sociedade Midiocre – passagem ao hiperespetacular – o fim do direito autoral, do livro e da escrita**. Porto Alegre; Sulina, 2012; **Jango, a vida e a morte no exílio**: (como foram construídos, com ajuda da mídia, o imaginário favorável ao golpe e as narrativas sobre as suspeitas de assassinato do presidente deposto em 1964). Porto Alegre: L&PM, 2013; **1964: golpe midiático-civil-militar**. Porto Alegre: Sulina, 2014; **Correio do Povo: a primeira semana de um jornal centenário**. Porto Alegre: Sulina, 2015; **Corruptos de estimação e outros textos sobre o golpe hiper-real**. Porto Alegre: Sulina, 2016. **Diferença e repetição: o que é o imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2017. **Raízes do conservadorismo brasileiro: a abolição na imprensa e no imaginário social**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. E-mail: juremir@pucrs.br

## 1 Imaginários

Afinal, o que é o imaginário? Não é ideologia. Tampouco subjetividade. Nem representação. O imaginário não é algo que se coloca no lugar de alguma coisa para representá-la ou fazê-la ser mais bem percebida. Nesse sentido, não é símbolo. Em poucos anos, porém, esse termo ganhou o mundo. Há nele algo que seduz: poesia, elegância, ambiguidade, polissemia. Quantos autores já usaram essa palavra! Nem sempre há determinação em defini-la. Transformar imaginário em conceito parece uma traição, uma concessão ao imaginário da ciência moderna. Não cabe fazer aqui um inventário, o que pode ser encontrado em obras dedicadas ao tema (LEGROS et alii, 2007). **Permitamo-nos uma reflexão mais livre e especulativa. Talvez o título deste texto devesse ser este: o que pode ser o imaginário? Algumas hipóteses ou pistas.**

O físico Paul Feyerabend permitiu-se romper com o positivismo: “Necessitamos de um mundo imaginário para descobrir os traços do mundo real que supomos habitar (e que, talvez, em realidade, não passe de outro mundo imaginário)” (Apud Silva, 2017, p. 3). O antropólogo Gilbert Durand cumpriu a sua missão: “O imaginário – isto é, o conjunto de imagens e de relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*, nos aparece como o grande denominador fundamental onde se alojam todos os procedimentos do pensamento humano. O imaginário é o cruzamento antropológico que permite iluminar a abordagem de uma ciência humana com a abordagem de outra” (Apud Silva, 2017, p. 3).

## 2 Imaginário como ambiente ou atmosfera

Essa perspectiva é bastante explorada por Michel Maffesoli. Embora se recuse a encerrar a vida concreta em conceitos, o sociólogo francês, um dos principais teóricos da pós-modernidade e do imaginário, discípulo de Gilbert Durand, o autor da obra mais consistente sobre a questão (2001), repetidamente descreve imaginário como ambiente, atmosfera ou “ar do tempo”: “Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra” (2001, p. 75). Boa parte das vezes, em situações cotidianas de conversação ou em tentativas de descrição de um conjunto complexo de vivências, é nesse sentido que se usa o termo imaginário. Basta pensar para se ter clareza disso em expressões como “imaginário do futebol”, “imaginário da política”, “imaginário do rock”, “imaginário da escravidão”, enfim, a lista obviamente é infinita. Nesse sentido, dá para falar em “imaginário da ciência”, “imaginário ideológico”, “imaginário do racionalismo”, etc.

Por imaginário, nessa linha, entende-se o ambiente em que algo está mergulhado, o que produz uma atmosfera, gera uma aura e caracteriza o “ar de um tempo”: O “imaginário hippie”, o “imaginário de maio de 1968”, o “imaginário da geração maldita”. Trata-se da descrição de um emaranhado de traços: maneira de vestir, de falar, de sentir, gostos, opções éticas ou estéticas, ideologias, símbolos, mitologias, narrativas, representações, utopias, ideias compartilhadas, tudo aquilo que marca um modo de existência sendo causa e consequência de um

momento singular. Imaginário, então, é o cenário e o brilho que dele emana. Elástico, o rótulo ganha dimensões englobantes. Toma o lugar de um conceito consolidado, o de cultura? Em princípio, não. A cultura engloba a totalidade dos imaginários. É muito mais ampla e totalizante.

### 3 Imaginário como ficção compartilhada

Nenhuma sociedade se mantém coesa sem o compartilhamento de algumas ficções construídas coletivamente ao longo do tempo. Essa produção, em geral, não é planejada, embora, em algumas situações, pegue-se um acontecimento para, por meio de apropriação e reconstrução, produzir um mito fundador, uma narrativa unificadora, um elo. No Rio Grande do Sul, os republicanos, nos anos 1870, propuseram-se a recuperar a guerra civil de 1835-1845, que opôs à província mais ao sul da nação ao Império, como, sob o nome de Revolução Farroupilha, mitologia e épico de unificação (Silva, 2010). Até hoje, essa narrativa, adaptada, redimensionada, idealizada, cimenta uma cultura dita gaúcha. Na verdade, um imaginário alimentado por certa visão do passado. Nesse registro, qualquer “verdade histórica” não conta.

O imaginário coloca-se fora do registo da verdade factual. Ideias como pátria e amor à pátria são narrativas feitas de retalhos que podem servir de base para um sentimento coletivo e para uma integração forte numa comunidade. Certa época, morrer pela pátria era uma grande honra, quase desejada, buscada em guerras que agora parecem absurdas. “Brasil, país do futuro”, “Brasil, país do carnaval e do futebol”, “Brasil, terra de pessoas descontraídas e amáveis”, tudo isso pode ser visto como estereótipo ou como ficção compartilhada e unificadora: imaginário. Todo país compartilha estereótipos que, por muito tempo, lhe servem de “cola social” e depois sofrem corrosão e rejeição.

A ideia de um “povo eleito” é um imaginário como ficção compartilhada. Ficção, neste sentido, nada tem a ver com mentira. Trata-se, em realidade, de uma “verdade” não demonstrável, mas passível de descrição, vivida socialmente como horizonte a ser alcançado ou como satisfação cotidiano. Durante muito tempo, ser o país do carnaval e do futebol era motivo de orgulho para brasileiros. Depois, virou sinônimo de reducionismo e de preconceito. O trabalho de desconstrução crítica, por razões científicas ou ideológicas, ou ambas, pode converter imaginário em estereótipo. Não é impossível, porém, que estereótipos virem imaginário ou que sirvam de pistas para chegar aos imaginários.

### 4 Imaginário como fantástico do cotidiano

Essa ideia atravessa o pensamento de Michel Maffesoli (1984) como uma derivação possivelmente mais “realista” das figuras cercadas por Gilbert Durand. Por mais “realista” não se deve entender algo como menos fantástico nem menos imaginário, mas, quem sabe, mais difundido. Não parece caber dúvida de que o cotidiano de cada um é povoado de seres sem realidade material ou sem materialidade real. Quem, ao ouvir a palavra unicórnio, não produz mentalmente a imagem desse elemento? O termo elemento aparece aqui como prova de uma indefinição admitida. Em que realidade vive o unicórnio? Qual o seu

estatuto? Há seres, que nem seres são, espalhados pelos nossos universos imaginários. O cotidiano, de certo modo, é um espaço da banalidade, do realismo e da rotina. Por trás das aparências, no entanto, fervilham mundos paralelos povoados por monstros, fadas, duendes, bruxas, animais bizarros, sereias e por aí vai. Da mesma forma, o cotidiano está impregnado de fantasias que o transformam, por momentos, em espaço de excitação e de deslumbramento.

Michel Maffesoli (*A Conquista do presente*, 1984) dedica um capítulo ao “Fantástico do cotidiano, a ficção da realidade” e um subcapítulo ao “Fantástico do dia a dia”. A sua leitura não pode ser mais colada do que é aos movimentos das pessoas no vaivém entre “real” e “irreal”, realidade e fantasia, banalidade e transfiguração. O seu argumento (1984, p. 64-5) considera racionalidade e imaginário:

Em nosso universo asséptico e sem asperezas ao fim de um processo de racionalização eficaz, talvez seja interessante observar que o fantástico e a ficção impregnam radicalmente o espírito humano. Existe, sem dúvida, a ideologia dominante que, na linha reta do Iluminismo, celebra os vários méritos do Progresso, a marcha real da Razão ou o caminhar seguro que deve nos conduzir para amanhã cantantes. Essa temática polimorfa pode ser encontrada nos discursos institucionais, pedagógicos, estatais, administrativos, econômicos. Mas talvez à maneira do discurso matinal dos índios guaiáqui eles não possuam a pregnância que sua ‘evidente’ eficácia nos incitaria a lhes atribuir. Eles podem acalantar ou acompanhar as diferentes coerções sociais (trabalho, consumo, sexualidade) sem, no entanto, marcar com profundidade a textura da existência social. A parte do imaginário é importante naquilo que chamamos de minúsculas situações de vida cotidiana. Para além dos vários dogmatismos e/ou positivismo que começam a perder o fôlego, a importância do imaginário é agora reconhecida, e múltiplos trabalhos mostraram como ele estruturava a socialidade básica”.

O fantástico do cotidiano aparece em coisas diversas e até bizarras como o interesse por celebridades, a obsessão por crimes, o fascínio por atletas vencedores, a veneração por reis, rainhas, príncipes e princesas, a circulação de boatos (que não podem ser reduzidos a *fake news* por não terem a intencionalidade do dano), a paixão por histórias inverossímeis de heróis, bandidos, messias, conquistadores, poderosos política e economicamente, o prazer na disseminação de narrativas extraordinárias de todo tipo, da descoberta de tesouros ao gosto por coincidências estatisticamente improváveis, o apetite por relatos de ganhadores de loterias ou por personalidades misteriosas. Tudo isso constitui para Maffesoli uma “poética da vida cotidiana” (1984, p. 73). Uma espetacularização espontânea da vivido.

Festas e rituais transfiguram o cotidiano: batizados, noivados, casamentos, missas, carnavais, Natal, Ano Novo, aniversários, dia das mães, dia dos pais, dia dos namorados, formaturas, velórios e tantos outros acontecimentos que ritmam a vida e injetam o extraordinário no ordinário, o incomum no comum, o diferente na banalidade da rotina. Que práticas inoculam o fantástico no cotidiano de um grupo ou comunidade? Essa é a pergunta que um pesquisador de imaginários se faz e para a qual busca respostas vasculhando situações concretas do mundo real.

## 5 Imaginário como memória afetiva

Nada mais fácil do que pensar o imaginário como um álbum de fotografias de família ou como o álbum de uma vida individual com suas diferentes etapas, utopias, expectativas, realizações, rituais, conquistas e passagens. Instagram e Facebook são dois gigantescos álbuns do imaginário atual. Nessa perspectiva, imaginário é tudo aquilo, positivo ou negativo, que a memória afetiva recorta e armazena. Normalmente o imaginário se apresenta como um compartilhamento, um imaginário social. No caso da memória afetiva, impõe-se o singular, o particular, a seleção involuntária pessoal, embora esse recorte se dê na intersecção com outros, na relação com um mundo, uma cultura, uma convivência ou, até mesmo, uma dificuldade de interação. Como se dá essa seleção de imagens? Difícil dizer do ponto de vista antropológico. Talvez nem importe. O que interessa é saber que imagens foram retidas.

## 6 Imaginário como excedente de significação

Essa é a contribuição do autor deste artigo ao tema do imaginário. Em dois livros sobre o assunto, *As tecnologias do imaginário* (2003) e *O que é imaginário, diferença e repetição: a hipótese do excedente de significação* (2017), ficou assentada a ideia de transfiguração do real, do banal ou simplesmente de certos momentos vividos, atribuindo-se a esses fragmentos existenciais um sentido superior, mágico, transcendental, positivo ou negativo, mais do que uma aura, um *plus* de significado. Michel Maffesoli, em palestras, tem falado em “magificação” do vivido e da natureza. Transbordamento.

Atribuir um sentido maravilhoso ou mágico ao experimentado não depende de planejamento ou vontade. Remete (Silva, 2017, p. 50):

O imaginário também se exprime como fantasia, desrazão, excedente de imaginação, loucura criativa e incontinência artística. Imaginário é rio caudaloso, transbordamento, cheia, enchente, devastação, metamorfose, monstro, mitologização do cotidiano, metáfora, intervenção, transformação. Aquilo que se dá a ver como parte do obscuro, mantendo-se, no todo, inacessível à transparência desejada pela ciência. Há no imaginário uma parte maldita que só se revela por momentos através de manifestações surreais e fugidias. O imaginário instala a “desrazão” na racionalidade. Uma afirmação desse tipo pode parecer sem sentido ou indicar apenas uma vontade de estremecer o discurso científico ou o senso comum. Não se trata, porém, de propor um enfrentamento com a cientificidade. A questão é de reconhecimento do lugar do não-racional na existência e de como abordá-lo nos estudos sobre a narrativa social. O não-racional é um dado social que exige abordagem. Negá-lo facilita a legitimação daquilo que só se afirma pela eliminação de tudo o que problematiza sua lógica.

A rotina funciona como uma falta. O imaginário recobre essa repetição com uma camada de fabulação. Contra a opacidade do cinza, eleva-se o brilho ofuscante da transfiguração. A vida ganha cores.

## 7 Imaginações

O imaginário não é a imaginação, mas precisa dela. Existe um imaginário da imaginação e uma imaginação do imaginário. Se a realidade é cinza, o imaginário é uma palheta de cores com infinitos tons vivos.

Tudo é esboço, incompletude, possibilidade a ser descrita.  
Cada pesquisador pode testar essas noções em trabalhos de campo.

## Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BRETON, André. **Manifestos do surrealismo**. São Paulo: Nau editora, 2001.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [Les structures anthropologiques de l'imaginaire. Paris: Dunod, 1992].
- \_\_\_\_\_. **O Imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Piaget, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A Imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- LAPLATINE, F.; TRINDADE, L. **O Que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- LEGROS, Patrick et alii (org.). **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus**: comunhões emocionais. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- \_\_\_\_\_. **O Conhecimento comum**. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- \_\_\_\_\_. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A Conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- \_\_\_\_\_. "O imaginário é uma realidade". **Revista Famecos, mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, n. 15.
- MORIN, Edgar. **Estrelas**: mito e sedução no cinema. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Le Cinéma et l'homme imaginaire**. Paris: Minuit, 1956.
- NIETZSCHE, F. **Sobre verdade e mentira**. São Paulo: Hedra, 2008.
- SARTRE, Jean-Paul. **A Imaginação**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SILVA, Juremir Machado (da). **História regional da infâmia**: o destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras, ou como se produzem os imaginários. Porto Alegre: L&PM, 2010.

\_\_\_\_\_. **O que é imaginário**. Diferença e repetição: a hipótese do excedente de significação. Porto Alegre: Sulina, 2017.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

Artigo enviado em: 10/03/2020. Aprovado em: 30/11/2020.